

O TECER DAS MEMÓRIAS: OS DESENHOS DAS PAISAGENS INFANTIS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE BRINCAR NA CIDADE DE IGARASSU-PE

Laís Lira Veloso Farias ¹
Nielson da Silva Bezerra ²
Clézia Aquino de Braga ³

RESUMO

O objetivo de nosso estudo é compreender a paisagem do brincar de crianças do 5.º ano de uma escola pública no município de Igarassu/PE. Utilizamos atividades com mapas afetivos para analisar os lugares e as paisagens infantis do brincar, e compreender suas noções espaciais e cartográficas, a partir do letramento geográfico e da alfabetização cartográfica. A metodologia utilizada se caracteriza por ser de cunho qualitativo e participativo, dividida em três fases: a primeira é constituída pela compreensão das crianças sobre o conceito de paisagem e os elementos que a compõem; na segunda fase, trabalhamos a paisagem sob a perspectiva do movimento e do sentir através do brincar; por último, realizamos entrevistas semiestruturadas para entender os significados e as ressignificações dos lugares representados. O lugar e a paisagem atuam juntos, despertando o sentimento de pertença do ser ao seu espaço vivido e criando memórias que são tecidas na construção social e cultural de cada indivíduo atuante neste meio. Por meio dos resultados obtidos, pudemos concluir que existem diversas formas de representação da paisagem e do lugar de brincar dentro de um mesmo espaço, onde os indivíduos percebem e concebem o espaço geográfico a partir de suas vivências. Nas análises dos desenhos, percebemos que as crianças dão destaque às suas territorialidades nos espaços públicos de brincar, e sempre dão visibilidade aos espaços do seu brincar.

Palavras-chave: Vivências Infantis; Ensino Fundamental; Geografia da Infância.

ABSTRACT

Our study aims to understand the playground landscape of fifth-grade children at a public school in Igarassu/PE. We employed activities with affective maps to analyze the places and childhood landscapes of play, and to comprehend their spatial and cartographic notions, based on geographic literacy and cartographic literacy. The methodology used is qualitative and participatory, divided into three phases: the first involves understanding the children's concepts of landscape and the elements that compose it; in the second phase, we explore the landscape from the perspective of movement and feeling through play; finally, we conduct semi-structured interviews to understand the meanings and re-significations of the represented places. Place and landscape act together, awakening a sense of belonging to one's lived space and creating memories that are woven into the social and cultural construction of each individual involved. Through the results obtained, we concluded that there are various ways of representing the landscape and the play space within the same environment, where individuals perceive and conceive of the geographic space based on their experiences. In the analysis of the drawings, we observed that the children highlight their territorialities in public play spaces and consistently give visibility to their play areas.

Keywords: Childhood Experiences, Elementary School, Childhood Geography

¹ Licenciada em Geografia pela Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco-IFPE, laisliravelosodefarias@gmail.com

² Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Professor do IFPE campus Recife, nielsonbezerra@recife.ifpe.edu.br

³ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Professora do IFPE campus Recife, cleziadebraga@recife.ifpe.edu.br



INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a paisagem do brincar de crianças do 5.º ano da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, no município de Igarassu/PE. Neste sentido, através dos pressupostos estabelecidos pela Geografia da Infância, entendemos a necessidade de explorar os espaços públicos para brincar dessas infâncias, sob a perspectiva das crianças. Visto que o desenho é uma das principais formas de expressão na infância, utilizamos atividades com mapas afetivos para analisar os lugares e as paisagens infantis do brincar, e compreender suas noções espaciais e cartográficas, a partir do letramento geográfico e da alfabetização cartográfica.

A metodologia utilizada neste estudo se caracteriza por ser de cunho qualitativo e participativo e está dividida em três fases: a primeira é constituída pela compreensão das crianças sobre o conceito de paisagem e os elementos que a compõem, tanto os naturais como os urbanos; na segunda fase, trabalhamos a paisagem sob a perspectiva do movimento e do sentir através do brincar; por último, realizamos entrevistas semiestruturadas para entender os significados e as ressignificações dos lugares representados.

O lugar e a paisagem atuam juntos, despertam o sentimento de pertença do ser ao próprio espaço vivido, criando memórias que são tecidas na construção social e cultural de cada indivíduo atuante neste meio. As questões investigativas que balizam o nosso estudo são: Como as crianças percebem e concebem a paisagem? Há relação entre a paisagem e o brincar? Qual é o papel da memória na construção da paisagem para crianças? Por meio dos resultados obtidos, pudemos concluir que existem diversas formas de representação da paisagem e do lugar de brincar dentro de um mesmo espaço, e que os indivíduos percebem e concebem o espaço geográfico a partir de suas vivências.

Nas análises dos desenhos, percebemos que as crianças destacam as suas territorialidades nos espaços públicos de brincar e dão visibilidade a esses espaços, até mesmo quando esses lugares incluem espaços para o lazer dos adultos. Assim, os espaços e as paisagens representadas pelos estudantes do 5.º ano são as ruas onde transitam, a praça, o campo de futebol e o Sítio Histórico da cidade de Igarassu.

METODOLOGIA

Nosso estudo apoiou-se na abordagem qualitativa de cunho participativo e buscou revelar a percepção das crianças em relação aos seus lugares de afetividade. Assim, o objeto



de estudo desta pesquisa se volta às paisagens do brincar, resgatadas pelas memórias de crianças, que são estudantes da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, localizada na cidade de Igarassu – PE.

Para Godoy (1995, p. 21), “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Já o método participante se insere no campo deste estudo a partir das relações de convivência, amadurecidas com as crianças e professores da Escola Municipal Vereador José Francisco Ferreira, através do projeto de extensão do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE, intitulado: “A espacialização do letramento e os números do lugar: contribuições da Geografia da Infância para o Ensino Fundamental.”.

O projeto de extensão em Geografia da Infância foi um marco na construção deste trabalho. As conexões entre extensão e pesquisa propiciaram trocas de experiências entre docentes e extensionistas na preparação de atividades escolares e no acompanhamento das aulas de Geografia as quais tinham o objetivo de compreender e desenvolver as espacialidades geográficas presentes na infância.

Dessa forma, a pesquisa participativa foi utilizada como instrumento de diálogo e aprendizado, permitindo partilhar a construção dos saberes vivenciados em sala de aula. Na realização da coleta de dados, o percurso metodológico contemplou: os mapas das paisagens infantis que nos cercam, as paisagens que criamos no nosso imaginário e o brincar nos espaços públicos de lazer na cidade de Igarassu/PE.

REFERENCIAL TEÓRICO

A infância é a fase da vida em que aprendemos os valores e as normas que são impostas pelas instituições sociais humanas. Muitos desses valores são passados pelas gerações com a finalidade de nos educar para a vida em sociedade. Assim, de acordo com Castro (2001, p. 23), “a criança precisa ser cuidada e protegida pelo adulto, portanto, ela é incapaz de ser porta-voz de seus próprios desejos e direitos, e torna-se dependente do adulto para que este aja como seu porta-voz único e absoluto.” A problemática que surge nesta questão se deve ao modelo fundamentado no excesso de cuidado ou na ausência total deste, o que acaba se transformando em cerceamento por um lado ou abandono por outro, que, muitas vezes, impede ou prejudica o desenvolvimento infantil. Além disso, ao contrário de Castro (2001), acreditamos que as crianças são, sim, capazes de expressar desejos, olhares e direitos.

Tais expressões, no entanto, precisam ser compreendidas a partir da própria criança e de sua relação com o meio que a cerca. Esse é o grande desafio que a Geografia da Infância se propõe a enfrentar.

Pasqualini (2009) apresenta o desenvolvimento infantil:

como fenômeno histórico não determinado por leis naturais universais, mas intimamente ligado às condições objetivas da organização social, sendo fundamental considerar o lugar ocupado pela criança nas relações sociais e as condições históricas concretas em que seu desenvolvimento se desenrola. (Pasqualini, 2009, p. 33).

A controvérsia que surge no contexto contemporâneo se deve à invisibilidade desse grupo nos espaços públicos das cidades, como observa Sarmento (2005, p. 25): “a infância é, simultaneamente, uma categoria social do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Nessa ação estruturam e estabelecem padrões culturais.”.

Dessa forma, é preciso compreender a infância como um processo a ser vivido, recheado de experiências do ser com a cidade que o cerca. Não se deve restringi-la somente em uma trajetória de regras e condutas para a vida adulta.

Estas paisagens urbanas, com as crianças como protagonistas, marcaram as dinâmicas e memórias de muitas que, agora como pais de crianças destes tempos, ironicamente as limitam com argumentos diversos, nomeadamente aqueles fatores associados ao aumento do trânsito automobilístico, a divulgação de notícias relativas a violência divulgada nas mídias e as novas pressões laborais das famílias da sociedade atual. (Grécia; Albuquerque, 2016, p. 90).

Fica nítido que as transformações no espaço urbano e as novas dinâmicas sociais acabam por influenciar essa quase segregação que as crianças sofrem no meio citadino, explicando a razão dessa ausência infantil nos espaços públicos. Dessa forma, meninos e meninas da geração atual frequentam bem menos esses espaços e, quando o fazem, na maioria das vezes, estão acompanhados por seus responsáveis, como forma de cuidado e proteção.

A paisagem é cultural e simbólica aos grupos que dela fazem parte e, assim, a criança também a forma e a transforma sob seu ponto de vista, como podemos concluir com base em Besse (2014):



A paisagem é considerada como uma representação cultural, como um território produzido pelas sociedades na sua história, como um complexo sistêmico articulando elementos naturais e culturais numa totalidade objetiva, como um espaço de experiências sensíveis. (Besse, 2014, p.12).

Pode-se dizer que assim como o lugar ganha múltiplos sentidos nas infâncias, a paisagem representada neste imaginário também sofrerá modificações, pois: “Tais paisagens simbólicas não são apenas afirmações estéticas, formais, os valores culturais que elas celebraram precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado.” (Cosgrove, 2012, p. 232).

As paisagens construídas no imaginário, armazenadas nas memórias, a partir de experiências vividas no contato do ser com o mundo exterior, trazem uma pluralidade de significados e perspectivas. Deste modo as sociedades,

[...] através do colecionamento ou acumulação, revestidos de uma intencionalidade, preservam objetos e práticas que referem ou até mesmo justificam algum evento histórico ou identidade cultural, guardado em si.” (Silva Junior; Bomfim; Costa; 2018, p. 4).

As crianças se fazem presentes nas paisagens, visto que esses sujeitos possuem experiências e guardam em si histórias e geografias. Na relação da criança com a cidade, observa-se que os elementos sociais e naturais são essenciais na contribuição do processo de afetividade desses indivíduos com o espaço citadino.

Neste contexto, a ação de brincar em espaços públicos é propícia para haver a troca de experiências físicas com o espaço onde se brinca. Juntam-se a esses conjuntos os elementos essenciais para a construção da socialização, sempre levando em consideração que “as maneiras e os locais de brincar dependem da cultura em que a criança está inserida e revelam a pluralidade da infância.” (Meloni, 2021, p. 6).

Assim, o brincar será um instrumento de socialização, diversão, inclusão e desenvolvimento pessoal que deve ser garantido às crianças, pois, como nos lembra Nicolielo (2019, p. 355): “as práticas sociais compõem uma rede de movimentação, na qual as ideias e entendimentos sobre o mundo e a cotidianidade estão em contínuo processo de formação, construção e transformação.”.

Os espaços de brincar tornam-se, assim, locais essenciais para o desenvolvimento geográfico das infâncias por possibilitar a troca de laços afetivos do ser humano com a realidade que o cerca. Na construção de laços e memórias do brincar, essas lembranças são construídas pelas vivências espaciais, sentidos humanos e relações sociais, como se pode constatar nas palavras de Besse:

O valor paisagístico de um lugar não é considerado unicamente do ponto de vista estético (embora também seja), é considerado mais em relação com a soma das experimentações, dos costumes, das práticas desenvolvidas por grupos humanos nesse lugar. (Besse, 2014, p. 27).



Destarte, compreendemos que o brincar é uma das principais maneiras de proporcionar essa experiência. Ao provocar a interação de um grupo com o meio, através das emoções e movimentos, talha-se no indivíduo uma memória no processo de encontro e diálogo entre o ser e a paisagem.

O brincar está presente nas primeiras fases da vida, proporcionando trocas de valores e formação da autonomia. Dantas (2017) enfatiza que a brincadeira tem a capacidade de formar núcleos espaciais, onde as crianças vivenciam as representações simbólicas contidas em sua sociedade por meio do lúdico. Também de acordo com Castrogiovanni (2012, p.14), “ler o mundo, ou as representações dele, requer um exercício constante no estabelecimento de relações para que ocorram as ressignificações.” Portanto, a paisagem começa a ser explorada pela criança a partir da realização dos movimentos corporais propostos nas atividades lúdicas.

Ao se movimentar, a capacidade de sentir a textura e os cheiros dos locais que os cercam é aguçada pelos sentidos. Nesta perspectiva, observa-se que a brincadeira desenvolve a habilidade espacial de orientação e pertencimento em relação ao meio em que se vive. A partir desta prática, o ser passa a compreender que é fragmento de um todo social, político e espacial.

O tempo e o espaço funcionam de maneiras distintas entre crianças e adultos; por meio do brincar, a criança entende as normas presentes em sua sociedade e acaba reproduzindo essas condutas. Esta ação proporciona o desenvolvimento cultural e espacial. Visto por esse ângulo, este ato é uma importante ferramenta para a formação do conhecimento geográfico humano.

O ser humano amadurece seus afetos e raízes culturais na medida em que entende seu espaço geográfico. Lopes (2013, p. 287) nos lembra que esse “espaço é de vivência: compõe-se dos lugares onde brinca, passeia e dos objetos que aí existem e que ela utiliza.” São, portanto, relações espaciais que vão se complexificando, na mesma medida em que amplia o seu espaço de ação.

Neste viés, esta prática social potencializa a expressividade infantil por meio da troca entre os pares e o ambiente em que se encontram. A geografia está presente neste exercício, na medida em que as interações espaciais são provocadas, dando sentido cultural a cada um dos envolvidos.

A ciência cartográfica se utiliza de diversos instrumentos de coleta de dados para obter informações sobre um determinado ambiente. Na contemporaneidade os estudos cartográficos estão cada vez mais focados nas humanidades e na teoria social. Como explicita Santos



(2013), entre os novos métodos de se ver, perceber e analisar a paisagem por meio da cartografia, está o desenho. Tanto que “os mapas como componentes tradicionais da cartografia recebem como novos aparatos os desenhos que passam a ser mais aceitos também como componentes do conhecimento cartográfico”. Santos (2013, p. 81)

O desenho, como instrumento cartográfico utilizado para compreender culturas e humanidades pelo olhar de seu autor, revela não somente a paisagem vista no espaço vivido, mas tem a capacidade de decodificar sensações e emoções presentes em pensamentos abstratos, como apontado por Santos, Radvanskei e Bachmann (2024).

Assim, surge a cartografia dos afetos que, segundo Sandroni e Tarin (2014, p. 8): “aparece aqui como uma forma de pesquisar as paisagens psicossociais, cartografar processos simbólicos que vão desde movimentos sociais, mudanças dos estilos de vida, até os quadros clínicos, tanto coletivos como individuais – institucionais ou não.”

As representações espaciais das paisagens infantis se desdobram a partir da memória, do afeto e imaginário, em que cada indivíduo percebe o ambiente a sua maneira, o que gera sentidos diferentes na vivência desses espaços. Desta forma, na infância, a partir da observação de Machado e Mascarenhas (2016, p. 76): “é necessário que se estimule o despertar da criança nas séries iniciais quanto ao seu entendimento sobre a paisagem. E buscar entender, através do desenho, que significado a paisagem assume no mundo de cada criança”.

Os desenhos são importantes na construção cognitiva das crianças, e são uma das primeiras formas de comunicação do indivíduo sobre o meio que o cerca, assim como defendem Santos, Radvanskei e Bachmann (2024), para quem ao desenhar, a criança utiliza a memória paisagística e espacial não do que se vê mais do que ela sabe e sente em relação ao que desenha.

A percepção do espaço vivido varia conforme o tempo-espaço e as diferentes formas de socialização. Desta maneira, ao analisar os espaços das memórias infantis compreende-se que cada criança vivencia infâncias diferentes com variadas formas de compreensão da paisagem. De acordo com Lopes (2013), esses espaços infantis são ditos “desacostumados”, pois cada infância tem uma maneira de se apropriar do espaço geográfico. Mais adiante o autor revela:

A infância é uma construção social e plural, reverbera no entendimento de sua dimensão espacial, pois as infâncias passam a ser lugares destinados às crianças e que se materializam em formas de paisagens nas diferentes sociedades. (Lopes, 2013, p. 291).

A paisagem no sentido mais complexo irá retratar signos e fisionomias que aos olhos de seus observadores terão “simbolismos além do que é visível”, assim como destaca Serpa (2019). Observando por este sentido, ao se pensar em paisagem para além das representações



estéticas das formas, deve-se levar em consideração como se dá a relação entre os valores visuais ao se interligarem as memórias dos observadores dessas paisagens, visto que, conforme Rodríguez,

Perceber a paisagem é também um ato de lembrança, onde o ato não é apenas chamar uma imagem interna estocada na mente senão relacionar-se perceptivamente com um entorno que está, em si mesmo, repleto de passado. (Rodríguez, 2014, p. 179).

Em suma, a paisagem representada por desenhos nos mapas afetivos mostra diferentes leituras e sensações, provocadas pela vivência nas paisagens de afeto de cada criança. Essas paisagens são encontradas dentro da cidade, podendo ser uma rua ou um bairro em que moram essas infâncias, revelando memórias individuais e coletivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na coleta de dados, foram elaborados mapas mentais acerca das paisagens naturais e urbanas, nos quais os estudantes do 5.º ano do Ensino Fundamental da Escola Vereador José Francisco Ferreira desenharam os elementos que compõem as paisagens nessas duas perspectivas, sob seus pontos de vista. A atividade foi realizada com 20 (vinte) estudantes que estavam presentes na sala de aula nesta primeira intervenção. Desses desenhos elaborados em classe, foram autorizados pelos pais e responsáveis a apresentação de 14 (quatorze) desenhos dos mapas mentais das paisagens. Utilizamos o termo de consentimento livre e esclarecido para a publicação dos desenhos nesta pesquisa.

Por intermédio da Geografia da Infância, foram trabalhadas neste estudo as categorias da *paisagem* e *lugar*. Assim, buscamos compreender o universo infantil através das relações entre os espaços públicos de brincar e suas cartografias.

Na realização desta atividade, os estudantes receberam os seguintes comandos: desenhe um lugar que você gosta de brincar na sua cidade; desenhe o que você vê quando está brincando; pesquise o nome da sua rua e o nome de duas ruas próximas a sua residência.

Quando pedimos para os estudantes realizarem a pesquisa, nossa intenção foi facilitar a localização e o mapeamento dos seus espaços de brincar, que geralmente são as ruas em que os estudantes residem; dessa forma, esses locais acabam se tornando grandes quintais.

No exemplo abaixo, a criança representou na sua paisagem a rua em que mora (figura 1) como um dos seus locais preferidos para brincar. Na sua cartografia, observamos que o seu desenho (desenho 1) está apresentado no plano horizontal, sob uma perspectiva oblíqua.

Figura 1 – Rua da Saudade



Fonte: Google Mapas (2023)

A autora do desenho apresenta as dimensões dos elementos que compõem a sua paisagem, como o carro, a casa e a árvore. Ela destaca esses componentes nos traços e formas, representando-os em uma proporção maior.

Desenho 1 – Brincando de cabo de guerra



Fonte: A autora (2023). Desenho produzido pela criança 13, na intervenção realizada em classe intitulada Mapa das Paisagens de Brincar.

Assim, perguntamos para a criança qual lugar ela decidiu representar como paisagem brincante, ela respondeu: “a rua da minha casa”; em seguida, perguntamos por que ela escolheu representar esse lugar e a autora da gravura nos conta que sempre brinca nesse espaço com amigos e primos, pois se diverte muito. Quando perguntamos sobre o sentimento

dela com esse espaço, tivemos como resposta que o sentimento é de aconchego, que fica à vontade, pois sempre viveu nesta rua.

A criança nos conta ainda que, além da rua, seus amigos brincam na casa dela, de vez em quando. Por fim, ao ser questionada sobre as crianças que estão representadas na gravura, ela diz que se representou no desenho, que está com a sobrinha mais nova, sua prima e um vizinho, brincando de cabo de guerra.

Entendemos, assim, que as espacialidades ocorrem de forma externa ao indivíduo, no permitir à criança a exploração de suas territorialidades. Neste sentido as ruas são vistas como locais democráticos nos quais as crianças encontram uma diversidade de sujeitos culturais que interagem socialmente entre si e atribuem valores um ao outro na troca de experiências. Como afirmam Alves e Souza:

Ao perceber as crianças como agente do espaço geográfico, e suas infâncias no constructo dele, estamos agregando em sua participação social, elementos de sua história de vida e seus laços de vivência, ou seja, dando a ela o seu papel no mundo. (Alves; Souza, 2015, p. 281).

As praças públicas são ambientes socioespaciais destinadas a proporcionar lazer e bem-estar para as comunidades que delas fazem parte; são locais de descanso, encontros e diversão que, além de oferecerem interação entre os cidadãos por meio dos parques e eventos, promovem a aproximação desta população com elementos naturais.

No contexto urbano, podemos dizer que as crianças se apropriaram desses espaços, visto que elas delimitam suas territorialidades na escola, ruas, casas e praças.

Figura 2 – Praça de Cruz de Rebouças



Fonte: Nataly Veloso (2023). Local da foto: Praça de Cruz de Rebouças, Igarassu – PE.

Neste outro exemplo, essa criança apresenta como sua paisagem brincante (Desenho 2) a Praça de Cruz de Rebouças (figura 2), revelando os elementos presentes neste cenário como o escorrega, o balanço, a árvore e a academia; todos esses aspectos são mostrados sob suas lentes cartográficas nas quais podemos identificar sua compreensão de lateralidade e noção espacial.

O autor do desenho também é detalhista em sua paisagem, além de mostrar o espaço em que ele costuma brincar, traz o local, que é utilizado por adultos e jovens para fazer caminhadas na praça, na parte inferior do desenho; assim ele dá destaque ao seu lugar de brincar.

Desenho 2 – Brincando de Futebol



Fonte: autores (2023). Desenho produzido na intervenção realizada em classe, intitulada Mapa das Paisagens de Brincar.

No comparativo do desenho com a foto, observamos que os aspectos cartografados pela criança se aproximam muito da paisagem retratada na foto, como os formatos em círculos presentes na arquitetura da praça, evidenciando, assim, uma memória afetiva por este lugar de brincar.

Podemos observar ainda que a criança cartografa essa paisagem a partir de uma visão vertical, de cima para baixo. Quando perguntamos por que a escolha desse lugar, ele responde que vai frequentemente para a praça, no período da tarde, para brincar com o irmão e que, às vezes, brinca com outras crianças; também acrescentou que sempre vai à praça com um responsável.

Perguntamos sobre o que a criança sentia quando estava neste lugar, ele respondeu “animado, divertido, querendo brincar com alguém.” Logo em seguida, perguntamos se ele



estava no desenho, ele respondeu: “Sim. Eu, meu irmão e os meninos que fazem exercícios físicos. Estou brincando de bola com o meu irmão.” Além do irmão e dos praticantes de educação física, ele traz no seu desenho um amigo que está no escorrega e sua mãe que o está acompanhando; o irmão dele não está aparecendo no desenho.

Quando falamos em espacialização infantil, é importante levar em consideração que a noção de cartografia é desenvolvida pela observação e vivência, assim, enfatiza Castrogiovanni (2012, p. 35): “partir da família, é possível criarmos um conjunto de relações e transferi-las, posteriormente, para estudo de espaços mais complexos.”

As cartografias imaginadas nas memórias da infância vêm do espaço vivido não só pela troca de experiências e sentimento de pertencimento gerado pelo meio, mas também a partir da convivência com as pessoas que fazem parte dessa construção espacial, ou seja, é um desenvolvimento em conjunto, e a família é a primeira instituição social a contribuir para esse conhecimento.

Neste sentido, a criança trata sua paisagem brincante assim como as demais, através dos sentimentos motivados pelo ato de brincar, visto que a paisagem é sentir-se e perceber-se como ser-mundo.

Esta atividade teve como objetivo fazer uma análise prévia sobre as noções de espaço geográfico dos estudantes com a finalidade de observar a capacidade de leitura e recriação espacial através das paisagens e do lugar. Destarte, buscamos evidenciar as paisagens infantis e os lugares da infância, expressos por meio de desenhos em que cada um dos estudantes recriou essas cenas presentes no seu cotidiano e imaginário. Esta prática é utilizada no Ensino Fundamental visando a alfabetização cartográfica e o letramento que, juntos, podem se transformar em cartografias afetivas, como afirmam Machado e Mascarenhas (2016).

Para fazer uma leitura da paisagem, é necessária leitura da realidade das crianças, para que haja uma troca de experiências entre os alunos, buscando na vivência de ambos um melhor entendimento, de modo que percebam a paisagem local em que vivem e como cada um a vê, de forma que consigam reconhecer e localizar as características da paisagem local, comparando assim também com as outras (Machado; Mascarenhas, 2016, p. 79).

Como resultado desse estudo, evidenciamos a importância de visualizar a criança como um sujeito ativo da cidade, capaz de territorializar os espaços urbanos pelo ato de brincar. Neste contexto, Rodríguez e Albuquerque (2016) refletem sobre os direitos das crianças nos espaços, através dos modos como a paisagem é expressa na infância, pois essas



imagens revelam o sentimento de cidadania que os fazem se sentir pertencentes à urbe. Assim, os cenários urbanos são apropriados e recriados por esses indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia da Infância nos revela a importância da construção espacial infantil nos seus diversos contextos, mostrando que cada criança é desenvolvedora de suas próprias capacidades de interpretação de mundo, do fazer geografia em suas perspectivas. Na vivência, esses espaços são transformados a partir das lentes desses sujeitos brincantes, cuja formação tem como base suas vivências sociais. Ao fim das atividades e das intervenções realizadas na sala de aula do 5.º ano, podemos afirmar que os estudantes entenderam o significado da paisagem e do lugar.

Agora eles compreendem que tudo o que veem e sentem se torna paisagem. Nos exemplos dados por eles mesmos ao término das duas intervenções, quando perguntados sobre o que seria a paisagem, trouxeram: a sala, a rua, a casa e o mercado. Esses saberes foram construídos no decorrer das intervenções desta pesquisa juntamente com a professora-pedagoga, em que foram contemplados os conteúdos da matriz curricular de Geografia do 5.º ano.

Outrossim, os locais evidenciados nas gravuras das crianças nos mostram que as paisagens e os lugares de brincar geralmente estão situados geograficamente próximo a esses sujeitos que demonstram os laços afetivos do indivíduo com o lugar. Avaliamos que as cartografias afetivas da cidade, expressas nos desenhos, explicitam que a dimensão do ato de brincar vai além dos sentimentos que são transmitidos nesta ação. Neste sentido, o brincar deve ser visto como instrumento didático-pedagógico investigativo que, por meio dele, podemos explorar as dinâmicas espaciais infantis.

Discutimos e vivenciamos o conceito de paisagem a partir do olhar das crianças; identificamos as paisagens afetivas das crianças do 5.º ano da escola parceira e concluímos que através das gravuras apresentadas, conseguimos mapear os locais expressos pelos alunos, a partir de seus afetos. Finalmente identificamos uma nítida relação entre a internalização da paisagem e o ato de brincar. A conexão entre esses elementos sociais e espaciais ocorreram por meio do lugar. O lugar sempre esteve presente no decorrer deste trabalho, é por essa categoria da Geografia que são formadas as relações socioespaciais e as percepções dos cenários vividos. Quando tratamos o lugar, a paisagem e o brincar, compreendemos que as



brincadeiras podem ser vistas como um caminho a ser percorrido na infância para a construção cultural dos sujeitos, em todos os seus aspectos constituintes; respeitar essa constituição pode melhorar e muito as nossas relações sociais enquanto sociedade.

Constatamos que a criança, como sujeito histórico-cultural, é provedora de sua própria geografia que, nessa etapa da vida, se dá pelos afetos ao lugar, à paisagem, ao território e ao espaço geográfico expressados a partir do brincar. Esses afetos, a depender do método investigativo, podem ser analisados nos desenhos, na construção de mapas, nas imagens, no teatro ou na música, ou seja, por meio do lúdico, do espontâneo, visto que o lúdico não é somente as atividades realizadas em sala de aula de forma descontraída; ele está presente no dia a dia dos sujeitos, nas vivências, nos laços afetivos com pessoas e lugares, pois tudo que é espontâneo tem grandes possibilidades de ser lúdico, e essa ludicidade e espontaneidade se expressam no espaço geográfico, a arena infantil do brincar. Neste sentido, o letramento também é geográfico, porque não é possível ler a palavra se esta palavra não for o mundo em que vivemos.

Por fim, as memórias na infância se revelam nos lugares e são induzidas no convívio com um todo no qual se produz paisagem. O brincar é uma das vias que precisam ser percorridas para que os valores sociais sejam tecidos na construção política e cidadã dos sujeitos. Assim, os tecidos e memórias também nos mostram que os laços com o lugar são produtos dos afetos concebidos pelo espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Adriana Olivia; SOUZA, Malu Ítala Araújo. A Geografia nos Anos Iniciais: a leitura integrada da paisagem para a construção de conceitos dos conteúdos relevo-solo-rocha. *Revista Brasileira de Educação em Geografia, [S. l.]*, v. 5, n. 10, p. 277–299, 2016. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/329>. Acesso em: 8 set. 2024.

ARAUJO, Marlla Fabiola. *O desenho do lugar: um estudo de caso com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental da escola pública municipal do Recife Manoel Rolim*. 2020. 48 f. TCC (Graduação) – Instituto Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/283>. Acesso em: 8 jul. 2023.

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *SciElo Brasil*, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível



em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH> Acesso em: 13 jul. 2023.

CASTRO, Lucia Rabelo de (org.). *Crianças e jovens na construção da cultura: da invisibilidade à ação de crianças e jovens na construção da cultura*. 1. ed. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; COSTELLA, Roselane Zordan. *Brincar e Cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

DANTAS, Giscarla Pereira. *O brincar no desenvolvimento infantil*. 1. ed. São Paulo: SENAC, 2017.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *SciELO Brasil*. v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCggnC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 21 out. 2022.

LOPES, Jader Jane Moreira. Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/915> Acesso em: 18 nov. 2024.

MACHADO, Carolina Rocha Busch Pereira; MASCARENHAS, Jane Nunes. A paisagem no mundo da criança: considerações acerca do ensino de Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental, *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 12, p. 73-90, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/21889> Acesso em: 13 jan. 2023.

PASQUALINI, Juliana Campregher. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicologia em Estudo*. Paraná. SciELO Brasil. v.14, p. 31- 40, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RWgYJC8KJvkYfjzvDbcF3PF/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 02 mar. 2025.

RODRÍGUES, Grécia; ALBUQUERQUE, Leonardo. A paisagem na vida das crianças e o modo de expressar cidadania. In: SARMENTO, Manuel Jacinto. (Org.) *Criança, Cidade, Cidadania: atas do colóquio internacional*. Guimarães, p. 90-100, ago/dez. 2016. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44495> . Acesso: 19 mar. 2023.

SANDRONI, Laira; TARIN, Bruno. Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais. In: *Anais 29ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2014, Natal, 2014. p. 01-18. Disponível em: https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402014806_ARQUIVO_Limites_e_possibilidades_da_cartografia.pdf . Acesso em: 14 jan. 2025.

SANTOS, Clézio dos. Desenhos e mapas no ensino de geografia: a linguagem visual que não é vista. *Geograficidade*, v. 3, p. 80-92, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12876> . Acesso em: 21 out. 2024.



ENANPEGE

XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

SANTOS, Rodrigo Otávio dos; RADVANSKEI, Sonia de Fatima; BACHMANN, Vanessa da Silveira. Desenho na educação infantil: a importância e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e para a alfabetização. *Cadernos Cajuína*, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 147–161, 2024. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/534> . Acesso em: 11 set. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania ativa. *Perspectiva*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 17–40, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9857> . Acesso em: 11 set. 2024.

SILVA, Silvia Heleny Gomes da; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; COSTA, Otávio José Lemos. Paisagem, fotografia e mapas afetivos: um diálogo entre geografia cultural e psicologia ambiental. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 21, p. 1 - 22, 2019. Disponível em: <http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/696> . Acesso em: 11 set. 2024.